B*roto do* C*orpo*

"Todo florescimento é mútuo"
Robin Wall Kimmerer

Vermelhos luminosos e opacos – de têmpera sobre papel – se misturam aos vermelhos intensos dos feltros bordados com tecido. Vermelhos terrosos de pequenas formas arredondadas em cerâmica convivem com as texturas de monotipias de pedaços de plantas impressas. As monotipias se aproximam das gravuras em metal de um conjunto de matrizes, as quais remetem às formas das peças de cerâmica que, por sua vez, lembram as sementes presentes nos bordados com feltro. Sementes desenhadas a nanquim e sementes-palavra, que nutrem os textos dos cadernos. Neles, também brotam desenhos a guache, vermelhos e luminosos, que convivem no exercício de pensar com os materiais.

A artista Pat Lobo traz o movimento entrelaçado de seu fazer para a exposição. Trata-se de uma instalação formada por diversas peças em papel, argila e tecido, realizadas nos últimos anos pela artista, e que são apresentadas por aproximações e relações, ocupando uma mesa, suas paredes e o chão. "Broto do corpo" é uma exposição que nasceu da história de um encontro e das diversas possibilidades geradas por ele.

Quando Pat mudou-se para a casa onde mora em São Paulo, foi recebida por uma bananeira. Ela lhe dava as boas-vindas, enquanto Pat pedia licença para entrar. Assim deu-se início aos encontros diários entre a Pat e a *Musa Paradisíaca*, nome científico da bananeira, durante os anos de pandemia. Encontros que geraram uma série de histórias enredadas de muitas

vidas: uma bananeira é um ser que “traz com ela” sua mãe, sua avó e suas filhas. Foi assim que Pat chegou à casa com sua família.

Esse convívio fez com que revisitasse as relações cultivadas na infância e juventude com os seres da mata. O gosto pelas diversas formas de existência vem desde os tempos em que a artista viveu próxima à Mata Atlântica, no Rio de Janeiro, cidade em que nasceu. Observar o formato das folhas, o movimento dos seres, os processos mútuos, o som da água, teceu nela um repertório para a leitura com o corpo no desabrochar e no cultivo do tempo de cada coisa. Quando precisou, foi a mão na terra e nas “plantinhas”, como ela diz, que organizaram coragem e força. Saber disso me faz pensar que a vida “requer o uso das mãos, tateando o mundo ao nosso redor, sentindo-o com as mãos”, como nos diz Anna Tsing.

No início da pandemia, Pat transferiu seu ateliê para casa, em meio ao quintal, e a proximidade da bananeira gerou uma atenção interessada que invadiu seu trabalho, gerando desenhos, pinturas, esculturas, textos, colagens, diários, bordados, gravuras, grupos de estudos, leituras e muitos outros pensamentos. A conversa cotidiana e discreta foi tomando corpo ao longo dos dias, onde vários novos cachos de banana brotaram enquanto os trabalhos surgiam. Acompanhei o processo porque nessa época trabalhamos juntas na *Comunidade do Afeto*, um grupo de estudos formado durante a pandemia que se propunha à criação de uma colagem de vozes de seres inspiradores de toda a América, muitas vezes pouco conhecidos.

No momento em que as restrições arrefeceram, Pat estabeleceu seu ateliê fora de casa e deslocou o processo de trabalho sustentado ao longo do tempo de reclusão para outro lugar. O movimentar das peças deu a elas uma espécie de autonomia nova, uma abertura para relações entre si e com outros elementos. No atual ateliê, as cerâmicas pareciam completar as monotipias, as sementes contidas nos bordados se aproximavam das muitas sementes coletadas em suas caminhadas, os desenhos se uniam a pedras e madeiras que habitavam o espaço e, nesse movimento de conexão, uma história de encontros começou a ser contada.

Somam-se ao enlaçar das peças as cerâmicas realizadas em parceria com o artista Gustavo Peres a partir de seus desenhos. São vasos grandes com formas de corpos de mulheres, onde Pat reconhece seu próprio corpo e também os cachos da bananeira. Enquanto isso, a bananeira do quintal seguia brotando novos frutos que eram repartidos e distribuídos às pessoas. Suas bananas já alimentaram inclusive os pássaros que visitam a varanda aqui de casa.

A trama que Pat viu ser criada e sustentou se tece em silêncio, cuidadosamente, tal qual seus gestos. Gestos de cuidado que nutrem pelas bordas a vida que pulsa em todo lugar.

E cria brotos nos corpos.

“Broto do corpo” é também sobre as relações e os encontros com outras presenças. Alianças com aqueles com quem pensamos junto e de outra forma. Talvez seja na disponibilidade para esse tipo de encontros — os que se abrem para o indeterminado —, que se acomodam as fissuras no asfalto, para a retomada da floresta, vocação dessa terra.

“É muito importante alimentar ao menos a utopia de fazer um furo no muro da cidade. A gente fazer um furo de dentro pra fora. [...] Esse furo é vegetal. Quem fura o muro da cidade são as plantas”, nos orienta Ailton Krenak. Donna Haraway também diz que é preciso contar outras histórias, por menores que sejam.

Pat sabe da urgência de sairmos da nossa centralidade humana e aprendermos a brotar nos espaços “entre”, tantas vezes desprezados. “Broto do corpo” se soma a todos os novos brotos que estão nascendo a todo momento nos pequenos coletivos e na abertura ao outro.

Acredito que seja esse o caso: Pat respondeu ao encontro, começou prestando atenção no outro e saiu transformada. “Essa conversa me deixou meio bananeira”, sente que está virando planta também.

Renata Cruz
São Paulo, 9 de março de 2023